

Revistas alternativas urbanas: esquinas culturais

Ivete Lara Camargos WALTY
Pontifícia universidade Católica de Minas

Estudos anteriores sobre a produção cultural de e sobre o segmento populacional que habita as ruas das grandes cidades possibilitaram-me constatar que grande parte da produção cultural contemporânea urbana, num movimento de tradução de espaços dos excluídos, integra um universo de relações, que traz para a superfície do texto as fissuras, a fragmentação dos discursos, e passa a operar em redes, possibilitando curtos-circuitos de sentidos. Assim, da mesma forma que não se pode mais falar de um submundo, habitado por miseráveis, pois eles estão visíveis no espaço da cidade ao lado daqueles que se querem cidadãos respeitáveis, não se poderia mais separar hierarquicamente gêneros do discurso ou suportes tecnológicos, respeitando sua classificação tradicional. Ratificou-se, pois, que o enunciado textual, assim como o social, explicita mecanismos de enunciação compósita.

Nesse sentido, vale lembrar Jesús Martín Barbero quando alerta para o fato de que “las condiciones de desigualdad entre naciones, regiones y estados, continúan e incluso se agravan, pero no pueden ser ya pensadas al margen de la aparición de redes y alianzas que reorganizan y subsumen tanto las estructuras estatales como los regímenes políticos y los proyectos nacionales.” (BARBERO, 2001: 36). Podemos ampliar tal raciocínio, observando “redes e alianças” também entre fronteiras de segmentos sociais diversos, tais como aqueles a que pertencem artistas, religiosos, moradores de rua, professores, entre outros.

Nesse contexto, chamam atenção as revistas produzidas para serem vendidas

pela população de rua, tais como *Ocas* em São Paulo; *Boca de rua*, em Porto Alegre; *Hecho en Buenos Aires* e *Diagonal*, em Buenos Aires; *Hecho en Chile*, de Santiago, entre outras. Tais revistas, que se filiam a uma tendência mundial, marcada pela *The Big Issue* londrina, ou a *Street News* novaiorquina, envolvem diferentes segmentos sociais em seu processo de produção, circulação e consumo¹. Analisar algumas delas – *Ocas* e *Hecho en Buenos Aires* – ampliará a leitura do movimento de exclusão e resistência desses segmentos sociais ligados à rua na América Latina: de um lado a população excluída em sua diversidade, de outro, intelectuais, produtores culturais, artistas etc. Vale realçar o jogo em que se envolve tal tipo de produção, que se quer alternativa, mas está inserida no mercado e suas regras, de compra e venda, e busca, por meio desse processo, reincluir econômica e socialmente marginalizados urbanos.

Pensando com Walter Moser, quando, no projeto *La culture en transit: locomotion, médiamotion, artmotion*, propõe que, no contexto histórico contemporâneo, “um agente transfere um objeto cultural de um sistema a outro”, vale estudar o que se pode chamar, reportando a De Certeau (1996), um outro tipo de enunciação pedestre: o trânsito de agentes culturais pela cidade, em suas relações com segmentos populacionais que fazem da rua sua morada.

As revistas, como a rua, podem, então, serem vistas como um espaço cultural, tal como definido por Garretón:

(...) el espacio cultural es un espacio de espacios: es múltiple, no solo porque hay muchos espacios territoriales y muchos campos o ámbitos, sino también porque a su vez hay muchos circuitos. (2003, p. 35)

Tal definição remete ainda ao conceito de cultura como “espaço estratégico de tensões”, estudado por Jesús Martín Barbero:

En la sociedad globalizada a cultura emerge como el espacio estratégico de las tensiones que desgarran y recomponen el ‘estar juntos’, los nuevos sentidos que adquiere o lazo social, y también como lugar de anudamiento y hibridación de todas sus manifestaciones: religiosas, étnicas, estéticas, políticas, sexuales. De ahí que sea desde la diversidad cultural de las historias y los territorios, de las experiencias y las memorias, desde donde no solo se resiste sino se negocia e interactúa con la globalización, y desde donde se acabará por transformarla. (2001, p. 39)

E é justamente com o objetivo de atuar não só sobre a sociedade local, mas também sobre a global, que esse tipo de revista circula, como bem mostra o congresso que ocorreu em Madrid, em 2002, reportado na revista *Hecho en BS. AS.* (n.22, p.14,15), sob o slogan “Pensamiento global, acción local”. Com essas ações, busca-se para os grupos de excluídos “una oportunidad de autogestión y no al asistencialismo” (p.14). Tal objetivo, manifesto nas revistas ora analisadas, assim se traduz na revista *Ocas*, ligada à Organização Civil de Ação Social”:

A revista é uma chance de mudança efetiva na vida das pessoas em situação de rua. A interação decorrente da compra e da venda da publicação permite que

os vendedores estabeleçam contatos e dêem novos e autônomos passos de reintegração.

O objetivo da organização é fornecer instrumentos de resgate da auto-estima dos vendedores, criando mecanismos para que o indivíduo se torne seu próprio agente de transformação, de forma que Ocas seja um ponto de passagem, e não o destino definitivo.” (n.17 e outros, página inicial)

A expressão “ponto de passagem” é indicativa de transitoriedade e de cruzamento, como, de resto, a maioria das denominações das diversas seções da revista: “Filosofia da esquina”, “Cabeça sem teto”, “Carrossel”, entre outras. Não é sem razão que a matéria de capa do número 16, de novembro de 2003, seja intitulada “Esquina do mundo”. Aí a descrição da “Casa do migrante”, em sua função de abrigar brasileiros e estrangeiros, pode ser, analogicamente, estendida à própria revista ou até mesmo à América Latina, apresentada como “um albergue aberto a todos”.

Tais denominações não ocorrem por acaso já que indiciam a idéia de um “espaço de muitos espaços”, seja no que se refere à rua e seus habitantes, muitas vezes metonímia da própria América Latina, seja no que se refere à revista e aos agentes que estão envolvidos no processo: membros de organizações governamentais e não governamentais, editores, escritores, artistas, vendedores da publicação, leitores etc. Em suma, uma diversidade de figuras em seu trânsito cultural por esse espaço estratégico de tensões que desfazem e recompõem o ‘estar juntos’.

O estudo do processo enunciativo das revistas, desde o exame dos textos publicados, seu processo autoral, seus sujeitos e suas vozes, até os mecanismos de sua produção, circulação e consumo, permite-nos perceber uma multiplicidade de vozes sociais, manifestas na variedade das reportagens, entrevistas, seções de fotos, indicação de livros, filmes, espetáculos teatrais, ou atuações diretas dos leitores propriamente ditos através das colunas “Cartas” de *Ocas*, ou “Correo de *Hecho*”.

As reportagens tanto podem estar diretamente ligadas aos excluídos – ora como objeto ora como sujeitos dos textos –, como podem abordar assuntos os mais diversos, dedicados mais explicitamente a outro tipo de público. Os agentes de venda das publicações vêem-se representados de formas diversas. Na seção “Becos e vielas S/Z – a voz da periferia” ou “Olhares do morro”, em *Ocas*, ou “La prensa del asfalto – la palabra de los vendedores”, em *Hecho*, por exemplo, apresentam-se poemas e outros tipos de texto, notícias de outros projetos coletivos, que, a par de merecerem análise mais detida, deixam claros mecanismos de resistência à exclusão. Ao lado disso, há seções diretamente voltadas para outros segmentos sociais, mesmo que não excluam moradores da rua, já que sua diversidade é comprovada. Aí a indicação de livros como *Mongólia*, de Bernardo de Carvalho; de filmes como *Dogville*, de Lars von Trier, ou discos como *The rapture*, indicia o leitor já delineado na seção de cartas: estudantes e professores universitários, pessoas ligadas a organizações sociais e políticas simpatizantes da causa etc. Entre esses dois tipos de temas, apresentam-se notícias de projetos ligados diretamente à população excluída, como aquele desenvolvido por Miguel Saad, Luis Carlos Ferreira e Stella Senra, “que dedicam quinzenalmente uma tarde para discutirem cinema com os amigos que fazem da rua sua casa” (n. 16, p.8). Tal projeto desdobra-se em outros, evidenciando que de ouvintes ou debatedores, esses indivíduos passam a roteiristas de filmes, como mostra

a criação do “Festival do minuto”, em que “em filmes de 10, 30 ou 60 segundos, os concorrentes devem utilizar imagens, texto e trilha sonora para compor uma história”.

Mais que dar notícia dos assuntos abordados, importa assinalar a idéia de interação presente nas publicações em estudo, levando em conta o trânsito dos excluídos tanto nos textos como nos espaços sócio-culturais que eles indiciam. Nas reportagens sobre o “Foto Cine Clube Bandeirante”, por exemplo, “que ensina adolescentes carentes a fotografar”, sem cobrar nada ou “Paz no ringue, sobre boxe para jovens da favela”, tem-se notícia de ações voltadas para a educação desse segmento; em outras como “Em debate: cultura em São Paulo”, os vendedores de *Ocas* acompanham o evento e opinam sobre as posições dos debatedores. Dario Bertolucci e Marcos José Dias têm sua palavra ao lado da de pessoas consagradas pelo meio artístico e acadêmico, como o maestro Julio Medaglia, o secretário municipal de Cultura de São Paulo, Celso Frateschi, o escritor Ferréz, a escritora Maria Adelaide Amaral e o filósofo Nelson Brissac. A título de exemplo, veja-se o comentário dos dois a respeito do seguinte posicionamento de Julio Medaglia: “Hoje você liga as rádios e televisões do Brasil e só vê lixo cultural”.

Dario. Não concordo. Na minha opinião, tudo o que veio complementar o comportamento humano faz parte de nossa cultura. a televisão é um meio de expressão artística, um meio que reflete a cultura da sociedade, mesmo que seja o bunda lê lê, o tchan, o punk, o Charlie Brown Jr... Isso não deixa de ser cultura contemporânea, MPB, músicas que estão na boca do povo. Não vejo nenhum lixo cultural. Acho que toda produção feita por nós deve e merece ser vista como arte, independentemente da qualidade do que seja.

Marcos. Não se pode discriminar todas as rádios e televisões, pois há algumas que passam produtos de boa qualidade. Infelizmente, a maioria só passa porcaria, como programas que mostram “pegadinhas”, programas de fofoca, novelas... Para mim, isso é lixo cultural. (n. 20, março de 2004, p. 10 e 11)

Em *Hecho en BS. AS.*, o resumo de reportagens na comemoração dos dois anos da revista traz depoimentos de vendedores, como Angela e Cato, evidenciando seu lugar social, suas angústias e aspirações:

Angela. Cuando se murió de frío mi hijita Betania, cuando vivíamos debajo de la autopista y el Consejo del Menor y la Familia, en vez de darme un hogar, me quitó a dos de mis hijos, me deprimi mucho. Ahi fue cuando me empecé a drogar y mi marido empezó a tomar alcohol.

Cato. Al estar en la calle te empezas a manejar con los códigos de la calle (...). Las relaciones y las conversaciones que podés entablar son muy limitadas. No hay mensaje, no hay aprendizaje. Entonces preferís andar solo, pensar y no hablar con nadie. Con la revista, empecé a hablar más con la gente. (n. 3, julio 2002, p.11)

Sem julgar a ação social empreendida pelas equipes editoriais das revistas, há que se compreendê-las como espaço de trocas culturais, lugares de agenciamento e interação, até mesmo no caso de sugestões ou intervenções de uns na maneira de pensar

dos outros. O modelo buscado é ditado pelas relações sócio-políticas do sistema em que se vive. Não há como ser diferente, pois não se propõe uma revolução. Propõe-se, antes, atuar nas frestas desse sistema, buscando novas conformações.

Nesse sentido, há que se observar o papel atribuído à arte no desenvolvimento desse processo. Como já se viu pelos exemplos, ações ligadas ao teatro, à fotografia e outros tipos de arte são uma constante na relação entre os envolvidos e destes com diferentes segmentos e comunidades. Nas revistas argentinas editadas no período agudo da crise econômica no país, pode-se perceber, por exemplo, a esperança de que a arte seja um mecanismo de resistência individual e coletiva, ou até mesmo agenciador de mudanças. Gaston Pauls, ator argentino de sucesso no exterior, vê a arte como lugar de reflexão, possibilidade de expressão de vozes diferenciadas, e diz: “Estoy seguro que ante el ahogo, el arte es aire. Cuando el agua te llega al cuello, el arte es un salvavidas”. (n.22, p.13). No mesmo número, na seção “Primera selección”, fala-se do programa organizado pela ONG “Crear vale a pena”,

cuyo objetivo es consolidar un modelo de desarrollo social que contribuya al mejoramiento de la calidad de vida de las personas que viven dentro y fuera de los barrios en situación de pobreza, para que cada unos de los que participan puedan proyectarse a nivel individual y colectivo recuperando el valor del arte y la cultura como motores de vida social.(n.22, p.25)

As relações entre arte e identidade são também exploradas, como na entrevista da atriz ítalo-argentina, Valentina Bassi, produtora do “Ciclo Teatro X La identidad, que fala de seu compromisso político com “las abuelas de la Plaza Mayo”. Esse tipo de compromisso é expresso também na fala de Leon Gieco, que faz questão de realçar a “íntima relacion entre la música, el compromiso social y la solidaridad”.

Na revista *Ocas*, n.16, ao comentar suas fotos, agrupadas sob a legenda “Vidas à margem”, Gary Clark, professor de arte na Blomshurg University of Pennsylvania, diz: “Acredito no poder da arte de transformar as coisas.” (p.14). No mesmo número da revista, a seção “Carrossel” traz a reportagem “Vitrine da rua”, sobre a experiência da fotógrafa e pesquisadora Gabriela Gusmão Pereira, cujo livro *Rua dos inventos* descreve trabalhos da população de rua de diferentes estados brasileiros. Diz a autora: “Nesse espaço de exclusão, eles desenvolvem a produção informal e marginal, subvertendo o uso de objetos industriais e inventando moda para sobreviver no mundo capitalista”. (p.24)

Por outro lado, no número 18, em que matéria de capa é a criação da franquia de *Os normais*, por Alexandre Machado e Fernanda Young, a seção “Cabeça sem teto” traz notícias da participação dos vendedores da revista no debate que envolve a peça sobre os próprios moradores de rua, do grupo “Nós do morro”, a que assistiram. Diz a reportagem: “Colocar a arte da trupe diante dos vendedores da *Ocas* foi instigante e, principalmente, prazeroso.” Ao lado disso, Gutí Fraga, integrante do grupo, afirma:

O problema das ONGs é que parece que, para acontecermos, temos que vender miséria. Nunca fizemos isso no Nós do Morro. Não assumimos o discurso de que existimos para tirar crianças da violência. O Nós do Morro existe para dar

acesso à arte pela arte. O que importa é o desejo, e a vida é levada pelo desejo.” (n.18, p.10)

Como se vê, há que se observar a relatividade do próprio conceito de arte que circula nas revistas, o que se relaciona com o caráter móvel dos gêneros textuais e dos suportes técnicos em que são veiculados.

Vale lembrar, mesmo que o espaço não seja suficiente para explorar muito mais a potencialidade das revistas, os textos literários que aí circulam, também eles com seus circuitos próprios. Os contos de Bonassi, na seção “Jazz”, por exemplo, tomam como objeto, embora nem sempre, o mundo dos excluídos, como no caso de “Telejornal” (n.18) e “Transações impublicáveis” (n.17). Mas é nesse espaço, que parece delimitado, que se desvelam redes sociais “contaminadoras” de outros espaços. No primeiro, com exceção da primeira frase, “Essa tarde, diversas pessoas assaltaram (...)”, todas as outras são constituídas apenas com um verbo no pretérito passado. Esses mais de 200 verbos, não por acaso na terceira pessoa do plural, traduzem atos de violência, como assaltar, estuprar, violentar, amarrar, achacar, atentar, atazanar, espicaçar. Depois de toda a lista, indiciadora das relações humanas na sociedade contemporânea, um irônico “Boa noite” fecha o texto/imagem não apenas do telejornal, mas da própria sociedade. Na verdade, a indeterminação dos sujeitos das ações evidencia que eles não estão circunscritos a espaços dados como marginais e perigosos.

No segundo conto, o uso repetido do termo “fodidos” e correlatos – aproximadamente 60 vezes, em um texto de uma página – vai corroendo o tecido textual, evidenciando que fodidas são as relações entre pessoas, grupos e classes sociais. O comércio de drogas faz-se metáfora do sistema sócio-econômico em suas contradições escamoteadas.

Telefonemas fodidos são disparados por diálogos cifrados de moleques de recados. Um produto fodido encomendado. Um estoque fodido é visitado e o fodido do negócio é agendado. (...)” (n.17, p.27)

Como se pode ver, o vocabulário é, desde o título, o das transações comerciais, permeadas pela lógica do mercado e sua violência.

Mas, paradoxalmente, é a lógica do mercado que serve aos envolvidos na rede das publicações voltadas para as populações excluídas para atingir seus objetivos de reincluir no sistema aqueles que foram dele alijados.

As publicações voltadas para as populações de rua realçam a mudança das relações sócio-políticas no mundo atual, marcadas pelos micro-poderes, ainda que sem excluir organizações estatais e sem eximi-las de responsabilidades. Essas revistas frágeis, em papel jornal, não deixam de fazer parte do mercado, granjeando a adesão de patrocinadores, especiais é verdade, e de compradores/leitores. Pelo contrário, aí se instalam e, valendo-se de seus mecanismos, abrem novos espaços, propõem novos agenciamentos, capazes de instalar fissuras, confirmando a percepção de Jesús Barbero, que, citando Mafessoli, chama atenção para “los nuevos modos de estar juntos”(2001: 41), ou, para mais uma vez, citar Silvano Santiago(2000/2001), reiterando Michel de Certeau (1994), novos modos de “lidar com”.

As revistas ilustram, pois, aquilo que Walter Moser (1996 e 2003) chama de reciclagem cultural, na medida em que, desde o aspecto físico até o simbólico, processa-se “a inclusão de ‘restos’ e ‘dejetos’ no espaço cultural. O espaço hegemônico e ‘estéril’ incorpora “materiais culturais de diferentes procedências”, colocando-os em diálogo. Trata-se da lógica da suplementariedade, tomada como operador de leitura do campo cultural contemporâneo. Nessa rede, os leitores “convivem” com diferentes agentes, percebendo que, a despeito de hierarquias e estatutos, a corrente cultural tem vários circuitos. Assim, os subtítulos das revistas em questão, “saindo de la calle” ou “saindo das ruas” é ambíguo, pois, para que alguns saiam das ruas, é preciso que muitos aí se insiram, aceitando que a rua é, por excelência, o espaço da diversidade, da multiplicidade, do trânsito, das esquinas – lugar de encontro.

Nota

¹ A venda das revistas ligadas à rede mundial de publicações de rua (INSP) chega a 30 milhões de exemplares por ano.

Bibliografia

- BARBERO, Jesús Martín. Globalización y integración desde la perspectiva cultural. In: VALCÁRCEL, Javier Lasarte (coord.). **Territorios intelectuales: pensamiento y cultura en América Latina**. Caracas: Fondo Editorial La Nave Va, 2001.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1 – artes de fazer** (1994). Trad. Ephraim Ferrreira Alves. Petroópolis: Vozes, 1994.
- GARRETÓN, Manuel Antonio. Cultura y espacio cultural en el mundo globalizado. In: GARRETÓN, Manuel Antonio (Coord.). **El espacio cultural latinoamericano: bases para una política cultural de integración**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- MOSER, Walter. Le recyclage culturel. In: MOSER, W. et al (Orgs). **Recyclages: économies de l'appropriation culturelle**. Montreal: Les Éditions Balzac, 1996.
- MOSER, Walter et al. **Chaire de recherche du Canada en transferts littéraires et cultures**. www.sciencessociales.uottawa.ca/transferts/fra/intr.asp
- SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Folha de S. Paulo* (Mais), 10.09.2000, 2000.
- SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. **Scripta: revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Cespuc**, v.4, n.8, 2001.